
Alguns prints sobre Bolsonaro: subserviência, censura e ameaças democráticas (2018 - 2021)¹

Tiago Coutinho PARENTE²
Carlos Felipe de Oliveira SOUZA³
Wesley Guilherme Idelfoncio de VASCONCELOS⁴
Universidade Federal do Cariri, Juazeiro do Norte, CE

RESUMO: Diante de inúmeras ameaças democráticas de Bolsonaro, uma pergunta surge: “Como pensar a história do tempo presente a partir de datas que lembram o passado?”. Acompanhamos como o atual presidente, por meio de recursos midiáticos, interfere nas narrativas de algumas datas da história brasileira. Nosso foco foi o dia 7 de setembro, quando se celebra a independência política do Brasil de Portugal. Ao longo do processo, percebemos conexões da data com 31 de março. Esta última, idolatrada por Bolsonaro, demarca o início do golpe militar de 1964. As duas datas foram utilizadas pelo atual presidente para ameaçar e agredir a democracia brasileira. O artigo usa como metodologia a análise de alguns prints coletados e selecionados ao longo da pesquisa.

PALAVRAS-CHAVE: prints, narrativa midiática, 07 de setembro, 31 de março

IMAGEM DIALÉTICA OU A METODOLOGIA DOS PRINTS

Sônia Menezes (2018, p.185), no texto, “Qual a função da história pública em um país caracterizado por uma forte concentração midiática?”, nos lembra da importância de estudar as datas comemorativas. Nessas ocasiões, percebe-se “uma intenção pedagógica” dos meios de comunicação – sejam jornais, revistas, novelas, minisséries, filmes – de produzirem narrativas que unem “as funções de ensino, consumo e usos do passado”. Essas narrativas “se diversificam tanto em termos culturais como epistemológicos”, mas fica evidente que no Brasil, país caracterizado por monopólios midiáticos, os meios de comunicação, de certa forma, são responsáveis pela “fabricação não apenas da informação, mas da História”.

Os meios de comunicação, na historiografia em geral, não são considerados as principais fontes de pesquisa. Por seus aspectos ideológicos, sua velocidade na produção e, muitas vezes, sua falta de contexto, são tidos como fontes secundárias. No entanto, Silverstone (2002, p.235) nos alerta que, “acima de tudo, na ausência de outras

1 - Trabalho apresentado no GP Comunicação, Mídia e Liberdade de Expressão, XXII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 45º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

2 - Professor adjunto do curso de Jornalismo da UFCA. tiago.coutinho@ufca.edu.br

3 - Estudante de jornalismo da UFCA. Bolsista de Iniciação Científica pela Pró-Reitoria de Pesquisa, Pós-Graduação e Inovação (PRPI/UFCA); email: epilef.9@hotmail.com

4 - Graduado em Jornalismo pela UFCA; estudante de História da Faculdade Pitágoras. email: wesleyguilherme1998@gmail.com

fontes, a mídia tem o poder de definir o passado: de apresentar e rerepresentá-lo. Ela se arroga autoridade histórica no drama e no documentário”. Para o autor, a mídia se apresenta como “testemunha da história”. Portanto, não podemos ignorar “a capacidade da mídia de construir um passado público, assim como um passado para o público” (p. 237). A história que leremos daqui a 30 anos sobre o tempo de hoje, certamente, será pautada pela forma como a mídia está contando essa história hoje. Por isso, ela é tão importante e fundamental para a compreensão e para a construção da narrativa histórica. E “o fato de eles serem, em algum sentido, populares, ubíquos ou efêmeros não desqualifica esse tipo de investigação” (p. 61 – grifo nosso).

O efêmero nos interessa bastante, principalmente no contexto de consumo de mídia em redes sociais. No texto “Os rastros digitais na circulação de sentidos”, Rafael Grohmann (2019, p.151) critica a forma como a “dataficação é normalizada e naturalizada como um novo paradigma científico, transformando-se em uma ideologia”. O autor defende que podemos estudar a circulação de mídia a partir de seus sentidos, mostrando como “valores, visões de mundo e ideologias circulam nos processos comunicacionais”, sem necessariamente, se referir “ao número de curtidas ou compartilhamento, ao nível de engajamento” (p.152). Ele alerta que “nunca é possível apreender toda a circulação de sentidos presentes na sociedade, e o que captamos são sempre rastros da circulação (com seus contextos e limitações), quando pesquisamos em mídias sociais, o que há é a busca por rastros digitais” (p.152 – grifos nossos).

Neste artigo, pensamos a mídia para além das empresas de comunicação, mas sem deixá-las de fora. Desta forma, sem hierarquizar as fontes, também analisamos memes, charges, áudios e correntes de whatsapp, fios no twitter, sem nos preocuparmos, nem ignorarmos, com “o número de curtidas e compartilhamento” ou “o nível de *engajamento*” (Grohmann, 2019, p. 151-2). O que nos interessa é “desenhar e pesquisar a circulação nos rastros digitais”. Isso “significa contextualizar os dados e processos comunicacionais, reconhecendo a complexidade das dinâmicas presentes” (p. 156).

Dentro do material de análise, destaca-se a potência narrativa dos memes. Qual a lógica de funcionamento de um meme? É a da repetição com variação. De tanto o meme se repetir, ele garante maior alcance. Um ponto que propicia maior difusão de um meme é a sua característica “amadora”. Por serem muito simples tecnologicamente, eles acabam viabilizando a autoria dos usuários de internet, que podem criar e compartilhar suas próprias versões do meme, o que contribui para uma replicação mais numerosa e

efetiva das mensagens (Santos, Colacique e Carvalho, 2016). Eis a facilidade de um meme “viralizar”. É interessante pensar o verbo “viralizar” e sua relação com o meme. O vírus, assim como o meme, tem a capacidade de mutação muito ligeira, diretamente ligada com o seu contato. Ou seja, cada corpo, de certa forma, pode modificar o vírus. Ele é o mesmo vírus, porém diferente. Quanto mais corpos ele mantém contato, mais ele aumenta sua capacidade de reprodução, alcance e mutação. Da mesma forma, o meme. O elemento da repetição de um meme é tão fundamental quanto o da sua variação. O meme só faz sentido se eu trocar alguma informação ou mudar o contexto. Nessas trocas e mudanças, conseguimos perceber a construção de uma narrativa.

Além disso, “os memes são também formas de narrativas do cotidiano que, por meio do humor, permitem aos internautas ressignificarem e reinterpretarem os ambientes e acontecimentos que os cercam” (SANTOS; COLACIQUE; CARVALHO; 2016, p. 20). Hoje, nos deparamos com o conceito de “memetização da realidade” (Casimiro, 2020) que pode ser definido como um processo de leitura de acontecimentos, uma forma de se lembrar o passado recente e, também, uma forma de se observar como o tempo presente vem sendo construído. O meme faz parte de uma luta simbólica. Pois, “reduz o espaço da defesa de ideias e propostas ao nível da superficialidade das mensagens curtas” (CASIMIRO, 2020, p.23). Os memes também são estratégias para difusão de “informações rasas, acintosamente descontextualizadas, bem como notícias falsas (*fake news*), em um vertiginoso e contínuo processo de renovação, transformando o trabalhador em um voluntário passivo diante da própria condição de explorado”.

Em nossa tese (Parente, 2019), montamos um recurso metodológico para construir uma narrativa histórica por meio destes “rastros”. Entendendo que a narrativa histórica não é fixa, e que, por meio desses rastros, ela se atualiza e modifica, propomos a construção de uma escrita historiográfica a partir de vários fragmentos midiáticos, oriundos das mais diversas linguagens ou plataformas. Chamamos esta metodologia de “narrativa midiática”. A partir dessa noção do efêmero e dos rastros, neste artigo, analisamos *prints* coletados, recebidos e selecionados durante três anos de pesquisa⁵.

Um *print* é, de certa forma, a fixação de um rastro. No consumo de comunicação hiper individualizado das redes sociais, pautado em *feeds*, as informações desaparecem

⁵Por meio de um canal de comunicação, solicitamos que nossos seguidores no Instagram nos enviassem colaborações, de qualquer mídia e/ou linguagem, que remetessem à data do 07 de setembro. Com esse material, construímos uma narrativa na perspectiva da montagem (Benjamin, 2009), em que diversas linguagens se aproximam e dão uma dimensão histórica ao passado e ao presente correlatos.

rapidamente e temos dificuldade de localizá-las. Ao realizar um *print*, aquilo que poderia desaparecer, fica guardado. O *print*, então, é um congelamento do efêmero.

Nossa relação com o *print* se inspira na “imagem dialética” de Walter Benjamin. No Caderno N das Passagens (2009), ele diz que a imagem dialética é a imagem que lampeja, é uma imagem do agora, ela só “pode se realizar senão naquilo que estará irremediavelmente perdido no instante seguinte” (p. 515). Em um trecho anterior, ele lembra que “imagem é aquilo em que o ocorrido encontra o agora num lampejo, formando uma constelação (...) a relação do ocorrido com o agora é dialética – não é uma progressão, e sim uma imagem, que salta” (2009, p. 504).

A noção de passado para Benjamin pode ser entendida como “apoderar-se de uma lembrança tal como lampeja num instante de perigo”, e não deve ser entendido como uma mímica do “foi assim”. O importante, para ele, é “capturar uma imagem do passado como ela inesperadamente se coloca para o sujeito histórico no instante do perigo”, e ninguém está fora do perigo, ainda mais no Governo Bolsonaro.

Na captura de uma imagem inesperada, ou seja, o *print*, há uma ameaça de romper “o conteúdo dado da tradição” (LOWY, 2005, p.65). Podemos, por meio dos *prints*, perceber como a história oficial de Bolsonaro tem sido construída, assim como seus contrapontos. Neste jogo metodológico, é importante também “evitar superestimar, romantizar ou idealizar possíveis “resistências” dos sujeitos (...) Entre um caminho e outro, é preciso considerar as contradições nos processos, bem como as possibilidades, brechas e tentativas” (GROHMANN, 2019, p.155).

Assim, a partir do dia 07 de setembro, e seus desdobramentos, propomos construir uma narrativa histórica de um momento político muito recente do Brasil. Nossa noção de história se aproxima, talvez, de uma narrativa cinematográfica. Um movimento construído a partir de uma sucessão de *frames*, ou *prints*, que são, em última instância, imagens construídas e paradas. Nosso propósito não está somente em capturar o presente, mas, por meio de seleção e sobreposição, tal qual uma constelação, montar a história de nosso tempo presente e apresentá-la em constante movimento e disputas. Memória é luta. Portanto, é sensato lutar pela memória (Silverstone, 2002).

ERA UMA VEZ UMA FACADA...

No dia 06 de setembro de 2018, às vésperas do dia que em que se comemora a data símbolo do patriotismo brasileiro, na cidade de Juiz de Fora (MG), Bolsonaro,

quando candidato à presidência, vestia uma camisa verde e amarela, com os dizeres “meu partido é o Brasil”. Promovia um comício eleitoral, quando recebeu uma facada que mudou a história do país. O fato viralizou e chegou a ser o mais comentado do dia. Na rede social *Twitter*, o assunto foi mencionado cerca de 800 mil vezes em poucas horas, e marcou o *Trending Topics* de 12 países (EXAME, 2018). Entre as palavras mais comentadas, estavam: “jair bolsonaro”, “força bolsonaro”, “bonoro”, “bozo”, “esfaquearam bolsonaro”, “FACADA”, “tramontina” e “ESFAQUEADO”.



Figura 01 – quadro de memes e prints selecionados sobre a facada

No quadro acima, apresentamos alguns dos *prints* relacionados ao episódio. É muito sintomático o que diz “Ele sangrou por você! Vá à guerra por ele!”. O post, embora publicado em janeiro, quando Bolsonaro já havia tomado posse como presidente, atualiza a imagem do sacrifício cristão, convoca seus apoiadores e anuncia o contexto de um patriotismo sangrento que marcará seu mandato. Não seria exagero associá-lo à figura de Jesus Cristo, basta lembrarmos que um dos nomes de Bolsonaro é Messias. A facada, tal um milagre, muda os rumos do processo eleitoral brasileiro. Bolsonaro sai dos 20% em que estava estagnado e chega à presidência.

Letícia Cesarino (2020), ao analisar a campanha de 2018, aponta uma diluição ainda mais acentuada das fronteiras entre a esfera político-eleitoral e outros domínios da

vida, como o culto às celebridades, parentesco, religião, indústria do entretenimento (música, filmes, séries), esportes (futebol, lutas, clubes de tiro) e, em especial, a linguagem e as dinâmicas identitárias e de sociabilidade próprias das redes sociais (Cesarino, 2020). Para ela, a facada ocupa um lugar especial.

Após o atentado a faca que retirou Jair Bolsonaro da esfera pública, seu corpo debilitado foi substituído por um corpo digital formado por seus apoiadores, que passaram a fazer campanha no seu lugar – o que ficou conhecido na época como os autointitulados “marqueteiros do Jair” (um significante que flutuou também enquanto “fiscais do Jair”, “escudo do Jair”, “exército do Jair”, ou “robôs do Bolsonaro”) (...) a remoção do corpo físico do candidato do espaço público após o atentado levou à sua rápida substituição por um corpo digital formado por seus apoiadores. A eficácia eleitoral foi clara (CESARINO, 2019, 533).

O episódio nos deixa evidente que o domínio da viralização e da memética se faz presente também no campo da direita política. O que nos faz, mais uma vez, concordar com Grohmann quando aponta ser “superestimando o papel dos memes como protesto político” e portanto é importante entendê-los, “a um só tempo, semioticamente abertos e estruturalmente desiguais” (GROHMANN, 2019, p.155).

Minutos depois da facada, a Internet mostrava existir dois grupos distintos. Os que tiravam sarro do fato e os que culpavam o petismo e o PSOL pelo atentado. Ambos produziam memes. Não demorou para associar o atentado ao ex-presidente Lula, maior líder político do PT, como mostram as imagens da parte superior do quadro. Em um dos memes, encontramos o rosto de Lula dentro de um capuz que remete à imagem de um *slasher*, assassino psicopata, típico do cinema de terror. Ele, obviamente, segura uma faca. No entanto, num piscar de olhos, o rosto muda e nos deparamos com a face da cantora Pablllo Vittar, uma das maiores divas pop do Brasil, ícone da comunidade LGBT. Lula e Pablllo, no submundo dos memes, estão com a faca na mão.

Ao associar Lula e Pablllo, há, sem dúvidas, o interesse de vincular o político à pauta LGBT, ao mesmo tempo, em que estimula o sentimento de ódio à comunidade. Lula e Pablo voltam a viralizar em fakes news, em 2019, em 2021, respectivamente, quando se espalha que Pablo estaria grávida de Lula e, posteriormente, quando a apontam como sua futura vice. Podemos, aqui, destacar a ambiguidade que se dá entre o meme e a desinformação. É possível ler as relações de Lula e Pablllo como uma *fanfic* divertida e crítica à ignorância de quem crê nessas *fake news*, no entanto, a intenção da piada/crítica não deixa de circular e engajar uma informação falsa.

Ainda no episódio da facada, destacamos a imagem inferior do canto direito do quadro, em que um homem, um “cabra macho” do Nordeste, com uma grande peixeira, vestido com uma camisa azul - similar a da seleção brasileira de futebol - com um 13 no peito (número do PT e de Lula) pergunta “quando é que Bolsonaro vem para o Crato”, cidade do interior do Ceará. A palavra Crato se encontra em destaque, ela é uma montagem amadora, muito comum nos memes. Ou seja, qualquer pessoa, no celular, pode apagar e escrever, por cima, o nome de outra cidade e reutilizar o meme.

A imagem, novamente de forma ambígua, atualiza a relação xenofóbica de Bolsonaro com o Nordeste, e o estereótipo de valentia do cabra macho da região. Como uma ameaça, o quadro repercute “regionalmente” um episódio, acontecido no Sudeste, dando o recado de que a faca (ou a virilidade) nordestina é maior e que, se o atentado fosse no Nordeste, Bolsonaro não escaparia. Não esqueçamos que Lula é nordestino e que o personagem veste a camisa 13, mesmo sendo azul, uma cor presente na bandeira brasileira e mais remetida à ideologia patriótica de Bolsonaro.

Nosso objetivo de trazer a facada para este artigo, além da “coincidência” de ocorrer nas vésperas do dia sete de setembro, é demonstrar como ela anuncia uma prática que irá se desdobrar e repetir no governo Bolsonaro dos próximos anos. As vésperas dos dias 07 de setembro e 31 de março são marcadas por ameaças democráticas. Se Bolsonaro, mesmo sendo beneficiado politicamente, neste primeiro episódio foi uma “vítima”, nos próximos, ele deixa de ocupar este lugar e concretiza a crônica da ameaça anunciada.

2019, 2020 e 2021: UM GRANDE PACOTE DE AMEAÇAS



Figura 02 – quadro de memes e prints selecionados sobre 2019

Após a facada que elegeu o presidente, vem a pergunta: O que Bolsonaro traz para o 7 de setembro, em seu primeiro mandato? De nossa primeira imersão

colaborativa, chegamos a um vídeo no qual o presidente e seus ministros cantam o hino nacional. A peça foi veiculada no canal institucional do Planalto no Youtube e aponta mais indícios do Brasil que se pretende construir/narrar. A edição procura casar trechos do hino com os estereótipos dos ministérios. “Nossos bosques têm mais vida”, por exemplo, é cantado pela Ministra da Agricultura. Com algumas famílias e sem nenhuma referência às LGBTs, o vídeo retoma o imaginário colonizador de que o Brasil seria um grande paraíso natural, além da preocupação de construir uma história de heróis, na qual Bolsonaro e seus ministros se inserem. A imagem ao lado questiona como a independência do Brasil é narrada. A partir da piada “com filtro e sem filtro”, faz alusão que a história de contada por herói se assemelha aos filtros utilizados nas redes sociais: garante maior engajamento, mas esconde seu verdadeiro rosto. É uma história falseada.

Em 2019, o presidente dos EUA era Donald Trump, do Partido Republicano. Bolsonaro, em vários momentos, mostrou-se como seu admirador. A relação de subserviência de Bolsonaro foi apontada na exposição “O Riso é Risco: Independência em Risco - Desenhos de Humor”. O termo risco do título remete tanto a desenho, como um perigo. As duas imagens da direita foram retiradas da exposição. Na primeira, Bolsonaro, de joelho, beija os pés de Trump, ao mesmo tempo em que é piseado e entrega o Brasil de bandeja. Na seguinte, atualiza Bolsonaro como narciso, admirando seu reflexo em uma privada, comparando-o ao conteúdo que há lá dentro. A exposição foi inaugurada em 2 de setembro na Câmara de Vereadores de Porto Alegre. No dia seguinte, foi censurada pela casa por possuir um “teor ofensivo” contra o presidente. Depois de uma pressão, a exposição foi reinaugurada no final de setembro (Brasil de Fato, 2019). A exposição questiona justamente um dos pontos sobre o qual Bolsonaro construiu sua imagem: o nacionalismo. Como resposta, temos a censura.

Ao contrapormos, o vídeo institucional que exalta o hino nacional e cria imagens abstratas de nacionalismo com as imagens da charge da exposição e as sua consequente censura, podemos nos aproximar do conceito de “nacionalismo fascista”, apresentado por Leandro Konder (2009). O termo remete à ideia de um vazio contraditório em torno do que seria nação. Este vazio se alimenta dos “sentimentos de um povo explorado pelo capital estrangeiro ou que exprime a revolta de um povo contra imposições de outra nação”. Trata-se de “um nacionalismo essencialmente defensivo: seus valores podem levá-lo a hostilizar circunstancialmente os estrangeiros exploradores”, no entanto, “não nega os valores das outras nações” (KONDER, 2009, p.40).

Este tipo de nacionalismo manipula “as massas populares, limita brutalmente a sua participação ativa na luta política em que são utilizadas, impondo-lhes diretivas substancialmente imutáveis ‘de cima para baixo’ ” (p.39-40). Clara Zetkin (2019) nos alerta também que o fascismo se apresenta com “características diferentes em cada país”, mas, “em todos os lugares, ele consiste em uma amálgama de violência terrorista e brutal, unida a uma fraseologia revolucionária enganadora” (p.79).

Desta forma, 2019 nos aponta algumas características que serão desdobradas nos anos seguintes. Em 2020, o mundo foi acometido pela Covid-19. No Brasil, em particular, houve uma “estratégia institucional de propagação do vírus, promovida pelo governo brasileiro sob a liderança da Presidência da República” (BREDA, 2021, p. 22). No dia 24/03/2020, 13 dias após a OMS decretar a pandemia, o presidente, em pronunciamento, minimizou a gravidade sanitária: “No meu caso particular, e pelo meu histórico de atleta, caso fosse contaminado pelo vírus não precisaria me preocupar. Nada sentiria ou seria quando muito acometido de uma gripezinha ou resfriadinho”.

Ele ainda propagou a informação de que os Estados Unidos estavam empenhados na “comprovação da eficácia da cloroquina no tratamento do Covid-19”. No dia seguinte, circulou um meme com a imagem do presidente retirada do vídeo do hino nacional, mas, em vez de “Ouviram do Ipiranga”, líamos “O Vírus do Ipiranga”.



Figura 03 - Vídeo institucional (à esquerda) e meme (à direita).

O meme, em *plot twist*, faz uma paródia do hino nacional e canta “Pátria enganada, esculhambada, salvem! Salvem! Jair, um jumento, um raio vindo”. A partir deste documento, estabelecemos conexões entre 7 de setembro e Covid-19 que só enfatizou a relação de subserviência de Bolsonaro com Trump. A imagem abaixo faz referência à película “O iluminado”, de 1980, do diretor Stanley Kubrick. Ela apresenta

Bolsonaro e Trump, como as irmãs gêmeas que assombram o filme. A assombração é batizada de Cloroquina.



Figura 04 – meme cloro&quina

Dias após a circulação do “vírus do Ipiranga” e das irmãs cloroquina, em 31/03/2020, em alusão ao dia em que se instaurou a ditadura militar brasileira, o Ministério da Defesa lança uma nota celebrando a data como “um marco para a democracia brasileira” e completa “o entendimento de fatos históricos apenas faz sentido quando apreciados no contexto em que se encontram inseridos”. Sem citar a palavra comunismo, o texto afirma que havia “instabilidades” e “conflitos” que “recrudesciam e se disseminavam sem controle”. Diante disso, “a sociedade brasileira, os empresários e a imprensa entenderam as ameaças daquele momento, se aliaram e reagiram”. Esse “contexto histórico” foi o que sustentou e legitimou a necessidade do golpe de 1964. Por isso, a intervenção militar deve ser lembrada com mérito.

A Justiça Federal solicitou a retirada da publicação, por ser uma ação “nitidamente incompatível com os valores democráticos insertos na Constituição de 1988”. A união recorreu e, no ano seguinte, em 17/03/2021, foi aprovado “o direito do governo de celebrar a data” (Freyre, 2021). Em 29/03/2021, movimentações do governo federal demonstraram negociação entre o presidente e as forças armadas brasileiras. Houve mudança em seis ministérios, com substituições nas Forças Armadas. Com a mudança e a aproximação de um novo 31 de março, houve um medo de que a história recente do Brasil se repetisse. Um “fantasma do golpe” (Parente et al., 2021) passou a circular nas redes e nos meios de comunicação, espalhando o medo do retorno da ditadura. O meme abaixo exemplifica bem a situação. Após as negociações, o novo Ministro da Defesa, Braga Netto, no twitter, publicou: “O movimento de 1964 é parte da trajetória histórica do Brasil. Assim devem ser compreendidos e celebrados os

acontecimentos daquele 31 de março”. O assunto esteve entre os mais comentados no twitter, ao lado da hashtag #Viva31deMarço.



Figura 05 – meme sobre as vésperas de 31 de março de 2021

De acordo com Sakamoto (2021), essas alterações serviriam para fortalecer a celebração do aniversário do golpe de 1964, uma vez que os cargos estariam ocupados com pessoas dispostas ao papelão de seguirem ordens diretas do presidente. Sakamoto ainda afirma que “um tuíte de um comandante do Exército que se meta indevidamente em uma discussão civil tem mais poder do que horas de robôs contratados para flodar com *fake news* o debate público”. Além dessa influência nas redes sociais, é possível imaginar também os interesses militares pairando acima dessas mudanças, levando em conta que um autogolpe de Estado teria o apoio das Forças Armadas.

Por dois anos seguidos, no mês de março, nas proximidades do dia 31, Bolsonaro recorre à narrativa do autogolpe, com o apoio de uma parcela da população brasileira. Para a historiadora Mariana Joffily (2018), a década de 2010-2020 “ecoa traços da experiência vivida nos anos 1960: diante do crescimento das forças de esquerda, o conservadorismo brasileiro mostra seus dentes” (p.235). Ao analisarmos a história recente do Brasil, percebemos que a direita liberal instaura, assim, uma narrativa de ameaça, ao mesmo tempo em que dissemina ideia da importância de uma intervenção das forças armadas quando o país se sentir ameaçado. O objetivo, mais do que realizar um novo golpe, é nos lembrar que ele é uma carta na manga.

Meses depois, em agosto de 2021, um novo alerta. Vaza um áudio do cantor Sérgio Reis no qual ele relata ter tido uma reunião com os mais fortes criadores de soja do Brasil. Da reunião, participaram o presidente, todos os ministérios, inclusive o da defesa, e “os generais do exército, da marinha e da aeronáutica”. A pauta era o 7 de setembro e o encaminhamento era não fazer nenhuma manifestação na data, por causa do desfile e “para não atrapalhar o presidente”. No entanto, eles decidiram que no dia 08 de setembro, os caminhheiros, plantadores de soja iriam ser recebidos pelo presidente do Senado. “Não é um pedido, é uma intimação”. O plano é exigir que o Senado tenha 72h para “aprovar o voto impresso e para tirar todos os ministros do Supremo Tribunal Federal”. Sérgio Reis reforça “não é um pedido, é uma ordem”. A ameaça, caso não seja acatada em 72h, se estenderia pelo Brasil. “Vamos parar o país de Norte a Sul (...) Já está tudo armado”. Ainda no mesmo áudio, o cantor revela ter condições financeiras de manter a paralisação e o terror por até 30 dias. “Se em 30 dias não cumprirem, vamos invadir, quebrar tudo, e tirar os caras na marra”, finaliza Sérgio Reis.

O desejo de voto impresso e a querela de Bolsonaro com o STF renderia um outro artigo. Mas esse áudio, divulgado no dia 15 de agosto, mostra a centralidade da data para o governo e de como se recorre a ela para realizar ações históricas. No dia 06 de setembro, novamente na véspera, o secretário-executivo do Ministério das Comunicações, Fabio Wajngarten publica o texto “O Brasil, o presidente e o 7 de Setembro”, no jornal Folha de São Paulo. Ele relembra o episódio da facada e reforça “Sou testemunha de como o presidente se mobiliza, vivencia e se empolga com o 7 de Setembro e seus significados político, histórico e patriótico”. Wajngarten reforça o nacionalismo vazio de Bolsonaro e diz que percebia “a tristeza nos seus olhos quando o povo brasileiro sofria por qualquer motivo”. A devoção de Bolsonaro, segundo o secretário, “incomoda aqueles que não comungam do mesmo sentimento pátrio e não valorizam, com a devida relevância, os fatos históricos do país com a presença das Forças Armadas”. E completa: “vi que algumas decisões do presidente não tinham a racionalidade de um governante, mas sim a de homem com um coração do tamanho do país que governa”.

Na mesma noite, “Apoiadores de Bolsonaro furam bloqueio da PM e invadem Esplanada dos Ministérios”. Governando pelo coração, Bolsonaro convoca a população para ir às ruas no dia 07 de setembro. “Na Esplanada dos Ministérios, com roupas nas cores verde e amarelo, além de bandeiras do Brasil, os apoiadores do presidente

seguiram trios elétricos e carregaram faixas onde se lia frases como “STF rasga a Constituição”, “destituição de todos os ministros do STF” e “pelo voto impresso”. Mais uma vez a ameaça estava solta na rua ao lado do presidente que comemora o seu patriotismo.

UMA CONSTANTE AMEAÇA:

Mais do que uma análise sobre a relação entre o atual governo e as datas selecionadas, acreditamos que a nossa maior contribuição com esta pesquisa é poder demonstrar a possibilidade de construir uma narrativa histórica, em tempo presente, a partir de fragmentos midiáticos que muitas vezes se passam despercebidos como documentos históricos. Ao misturarmos esses fragmentos com outras documentações, sem nos restringirmos a uma única linguagem, podemos construir o que denominamos “narrativa midiática”, ou seja, a possibilidade de se elaborar uma historiografia do tempo presente a partir de recursos midiáticos dos mais diversos.

Analisadas conjuntamente, as datas 07 de setembro e 31 de março nos revelam que a ameaça faz parte da narrativa histórica do governo Bolsonaro. Podemos tecer três considerações sobre as práticas de Governo Bolsonaro: 1- há explícito interesse em reafirmar uma narrativa conservadora e colonizadora acerca da história brasileira; 2 - recorre ao símbolo do 7 de setembro e 31 de março para instituir um nacionalismo abstrato e conservador; 3 - constrói uma narrativa de ameaça de haver um novo golpe e retorno à Ditadura Militar.

Jogando com a necessidade da necessidade de ter dias históricos, Bolsonaro deixa sempre a ameaça de um possível golpe a qualquer momento. O fato de, em 2016, termos vivenciado um golpe institucional contra a presidenta Dilma Roussef (PT) reforça a possibilidade de um novo golpe, mas desta vez com o apoio militar. O presidente instaura o medo de seu retorno à Ditadura Militar, episódio do passado recente brasileiro ao qual ele nunca negou a admiração. Ele reforça as suas práticas antidemocráticas e joga com a possibilidade de ressuscitar o “fantasma do golpe”, com um discurso de ameaça constante.

REFERÊNCIAS

BENJAMIN, Walter. **Passagens**. Belo Horizonte: Editora UFMG; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2009.

BRASIL DE FATO. Exposição de charges que derrotou a censura em Porto Alegre será aberta no Sintrajufe. Disponível em: <https://www.brasildefatores.com.br/2019/09/24/exposicao-de-charges-que-derrotou-a-censura-em-porto-alegre-sera-aberta-no-sintrajufe> Acessado em 19/07/2022.

BREDA, Tadeu. (org.) **Bolsonaro Genocida.** São Paulo: Elefante, 2021.

CASIMIRO, Flavio Henrique Claheiros. **A tragédia e a Farsa: A ascensão das direitas no Brasil contemporâneo.** São Paulo: Expressão Popular/Fundação Rosa Luxemburgo, 2020.

CESARINO, L. (2019). **Identidade e representação no bolsonarismo.** Corpo digital do rei, bivalência conservadorismo-neoliberalismo e pessoa fractal. *Revista De Antropologia*, 62(3), 530 - 557. <https://doi.org/10.11606/2179-0892.ra.2019.165232>

CESARINO, Letícia. **Como vencer uma eleição sem sair de casa: a ascensão do populismo digital no Brasil.** *Revista Internet & Sociedade*. 91-120. 2020. p. 112. Disponível em: <<https://revista.internetlab.org.br/wp-content/uploads/2020/02/Como-vencer-uma-eleic%CC%A7a%CC%83o-sem-sair-de-casa.pdf>> Acesso em 30 set. 2020.

EXAME. Facada em Bolsonaro gera 800 mil menções no Twitter em duas horas. Disponível em: <https://exame.com/brasil/facada-em-bolsonaro-gera-800-mil-mencoes-no-twitter-em-duas-horas/> Acessado em 19/07/2022.

FREY, João. **Governo Bolsonaro ganha na Justiça direito de celebrar o golpe de 1964.** Congresso em Foco. Disponível em: <https://congressoemfoco.uol.com.br/projeto-bula/reportagem/governo-bolsonaro-ganha-na-justica-direito-de-celebrar-golpe-de-1964/> Acesso em 17/05/2022.

G1. Apoiadores de Bolsonaro furam bloqueio da PM e invadem Esplanada dos Ministérios. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2021/09/06/apoiadores-de-bolsonaro-furam-bloqueio-da-pm-e-invadem-esplanada-dos-ministerios.ghtml> Acessado em: 19/07/2022

G1. Grupos contra e a favor de Bolsonaro fazem atos em Brasília neste 7 de setembro. Disponível em: <https://g1.globo.com/df/distrito-federal/noticia/2021/09/07/grupos-contras-e-a-favor-de-bolsonaro-fazem-atos-em-brasilia-neste-7-de-setembro.ghtml> Acessado em: 19/07/2022

GROHMANN, Rafael. **Os rastros digitais na circulação de sentidos: pela desnaturalização e contextualização de dados na pesquisa em comunicação.** *Revista Galaxia*, n. 42, set-dez, 2019, p. 150-163.

JOFFILY, Mariana. **Aniversários do golpe de 1964: debates historiográficos, implicações políticas.** *Tempo e Argumento*, Florianópolis, v. 10, n. 23, p. 204 - 251, jan./mar. 2018.

KONDER, L. **Introdução ao fascismo.** São Paulo: Expressão Popular, 2009.

LÖWY, Michel. **Walter Benjamin: aviso de incêndio: leitura das teses ‘sobre o conceito de história’.** São Paulo: Boitempo, 2005.

MENESES, Sônia. **Qual a função da história pública em um país caracterizado por uma forte concentração midiática?** In: MAUAD, Ana Maria; SANTHIAGO, Ricardo; BORGES,

Viviane Trindade (orgs.). **Que história pública queremos?/ What Public History Do We Want?**. Letra e Voz – São Paulo, 2018. p. 181-187.

PARENTE, Tiago Coutinho. **Iracema, horizonte de memórias do mito incessante**. 2019. 231 f. Tese (Doutorado em Memória Social)- Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019.

PARENTE, Tiago; OLIVEIRA, Felipe; VASCONCELOS, Wesley. (2021) **O Fantasma do Golpe**: anotações sobre o Governo Bolsonaro e o Dia 31 de Março. Anais do XIII Encontro Nacional de História da Mídia.

SOUZA, Carlos Felipe de Oliveira; VASCONCELOS, Wesley Guilherme Idelfoncio; PARENTE, Tiago Coutinho. **A Cultura dos Memes e as Formas de se Pensar a Política do Presente**. In: **Anais do 43º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2020**, Salvador - BA. Anais do Intercom 2020, 2020. Disponível em <encurtador.com.br/mowxB>. Acesso em 20 jun. 2021.

SAKAMOTO, Leonardo. **Bolsonaro adoraria o Exército nas ruas, mas ficará satisfeito com tuítes**. Colunas UOL. 2021. Disponível em <encurtador.com.br/dpBN4>. Acesso em 20 jun. 2021.

SANTOS, Edméa; COLACIQUE, Rachel; CARVALHO, Felipe da Silva Ponte. **A autoria visual na internet: o que dizem os memes?**. Quaestio. v. 18, n. 1. p. 135-157. 2016. Disponível em: <shorturl.at/bnCVY> Acesso em 18 set. 2020.

SILVERSTONE, Roger. **Por que estudar a mídia?** São Paulo: Edições Loyola, 2002.

ZETKIN, Clara. **Como nasce e morre o fascismo**. São Paulo: Autonomia Literária, 2019.

WAJNGARTEN, Fábio. **O Brasil, o presidente e o 7 de Setembro**. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/opiniao/2021/09/o-brasil-o-presidente-e-o-7-de-setembro.shtml> Acessado em 19/07/2022